



LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.)(2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCIências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

<https://livrovermelhosmamiferos.pt>

Cofinanciado por:



Beneficiário:



Parceiro:



Entidades participantes:



Apoios:

BONDALTI

REN



Balaenoptera physalus (Linnaeus, 1758)

Baleia-comum

Taxonomia

Cetacea, Balaenopteridae

Ocorrência

Visitante – Vis

Categoria

VULNERÁVEL – VU (A1d)

Fundamentação: A causa da redução da população (caça comercial) é reversível, compreendida e está controlada, e as projeções indicam uma recuperação da população madura de pelo menos 30% (isto é redução da população entre 50 e 70% nas três últimas gerações). Esta espécie estava classificada como Em Perigo na anterior avaliação (Cabral *et al.* 2005). A alteração da categoria resulta da recuperação da população devido ao controlo da caça comercial.

Distribuição

Global: Espécie cosmopolita que ocorre desde as águas tropicais até às subpolares de ambos os hemisférios, estando ausente no equador.

Portugal: Ocorre principalmente fora do talude continental em águas entre os 200 e os 3000 m de profundidade (Vingada & Eira 2018). Presente regularmente nas águas de Portugal Continental, com avistamentos (Maughan & Arnold 2010, Verborgh 2012, Vingada & Eira 2018, Correia *et al.* 2019, Grilo *et al.* 2022) e arrojamentos em todas as épocas do ano. É possível que venha a considerar-se residente se for confirmada a reprodução em águas portuguesas.

População e Tendência

População: Até às 50 mn de costa, no final do verão, e para o período entre 2010 e 2015, foi estimado um total de 627 indivíduos (coeficiente de variação (CV)=0,48) e uma densidade de 0,009 ind./km² (Vingada & Eira 2018). Nas águas entre as 50 e as 200 mn, no verão de 2011, estimou-se uma abundância de 664 indivíduos (CV=0,72) e uma densidade de 0,003 ind./ km² (Vingada & Eira 2018).

Considera-se que a zona oeste da Península Ibérica seja uma área de alimentação importante durante o inverno e que possa existir uma ligação migratória entre o Atlântico Nordeste e

Central (Silva *et al.* 2019). Suspeita-se que as baleias-comuns do Mediterrâneo atravessam o Estreito de Gibraltar e, durante uma parte do ano, ocorrem na mesma área (ao largo do sudoeste de Portugal Continental) que as baleias-comuns do Atlântico Nordeste (Pereira *et al.* 2020).

Os acasalamentos no Hemisfério Norte ocorrem entre dezembro e fevereiro (Aguilar & Garcia-Vernet 2018). A gestação dura 11 meses, sendo que tanto a concepção como os nascimentos ocorrem a meio do inverno, seguindo-se 7 meses de lactação (Lockyer 1986). O tempo geracional estimado é de 25,9 anos (Taylor *et al.* 2007).

Tendência: Expansão.

Habitat e Ecologia

No Atlântico Nordeste parece preferir áreas com temperatura da superfície do mar entre os 16 e 19 °C e profundidades entre os 1000 e os 3500 m, com um pico de densidade na batimétrica dos 2000 m de profundidade (CODA 2009).

Apresenta padrões de migração complexos, sendo que alguns indivíduos se mantêm em latitudes elevadas durante o inverno e, os que migram para sul, parecem alimentar-se ao longo do caminho (Lydersen *et al.* 2020).

É um consumidor generalista, cuja dieta varia de acordo com



Balaenoptera physalus © Massimiliano Rosso

a estação do ano e localização (Aguilar & Garcia-Vernet 2018).

Fatores de Ameaça

As colisões com embarcações são uma das ameaças mais reportadas (Laist *et al.* 2001, Ritter 2012) com uma mortalidade associada (Panigada *et al.* 2006) que poderá ser 2,7 vezes superior ao valor de remoção biológica potencial (limite de mortalidade anual antropogénica não associado a declínio da população) estabelecido para a espécie em algumas áreas de ocorrência (Rockwood *et al.* 2017).

As capturas acidentais em artes de pesca também ocorrem mas são raras (Aguilar & Garcia-Vernet 2018). A poluição sonora tem sido apontada como uma ameaça potencial embora o seu efeito nas populações seja desconhecido (Aguilar & Garcia-Vernet 2018). O aumento do tráfego marítimo pode alterar o comportamento acústico da baleia-comum e reduzir a distância a que as vocalizações são detetadas e, assim, afetar o sucesso reprodutivo (Castellote *et al.* 2012). As prospeções sísmicas parecem ter um efeito significativo no avistamento, com uma diminuição de observações na ordem dos 80 % durante o decorrer desta atividade (Kavanagh *et al.* 2019).

Medidas de Conservação

Em Portugal Continental vigora legislação específica nacional de proteção de mamíferos marinhos, bem como transposição e regulamentação decorrente de legislação internacional. Foram designadas áreas marinhas protegidas que, apesar de não específicas para a baleia-comum, são dedicadas à proteção de cetáceos, como o Sítio Banco Gorringe (PTCON0062) (resolução Conselho de Ministros nº 59/2015).

É necessário aprofundar a caracterização da população que ocorre em águas continentais portuguesas em termos de padrões de distribuição espacial e sazonal, uso de habitat, e uma avaliação contínua da mortalidade associada a atividades humanas, particularmente no caso da colisão com embarcações e emaranhamento em lixo marinho.



Legenda do Mapa

Extensão da ocorrência confirmada de baleia-comum *Balaenoptera physalus* ao largo da costa de Portugal Continental no período entre 1990 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:

Eira C, Ferreira M, López, A & Sequeira M (2023). *Balaenoptera physalus* baleia-comum. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.